

# SOBRE A ALDEIA

Uma peça de Hayaldo Copque

*Esta peça é baseada em trabalhos do pintor judeu Marc Chagall (1887-1985). Muitas das cenas surgiram a partir de seus quadros e, portanto, aspectos visuais da encenação como caracterização externa de personagens, iluminação e cenários devem, o máximo possível, buscar a semelhança com o universo do artista. No mais, alguns trechos do primeiro e do penúltimo quadro foram escritos por Bella Chagall em seus livros *Luzes Acesas* e *Meus cadernos*.*

## Quadro 1

*Breu.*

**BELLA:** De cada lugar sai uma sombra.

*Luz sobre Bella. Ela está sentada, corpo estático e olhar distante, como se estivesse posando para uma pintura. Usa um vestido verde, aveludado.*

**BELLA:** Eu a toco apenas, e ela me leva ao encontro de outras sombras. Elas se empurram, comprimem minhas costas, meus ombros, agarram minhas mãos, meus pés, até o momento em que todas juntas caem sobre mim. Não sei onde me esconder delas. Ouço os clamores da loja, as melodias do rabino em dia de festa. Me vejo a criança rechonchuda correndo pela casa, errando por seus cômodos, escorrendo por seus cantos. (pausa) É tão difícil tirar um fragmento de vida de lembranças ressecadas. Mas, ainda assim, eu gostaria de salvá-las. Tirá-las das trevas. Afinal, é só o que me sobra: estas lembranças. Eu as desfilo e logo me chegam os cheiros da minha velha casa. Minha casa que não existe mais. Assim como tudo nesse lugar. Nada mais existe aqui a não ser lembrança. Esta é a minha herança. (pausa) Está tudo aqui. A casa, a aldeia, o barulho da loja, da sinagoga. Cada uma dessas sombras. Elas se movem sobre mim. E eu agora sou apenas memória.

*Aos poucos, a luz vai baixando sobre ela.*

## Quadro 2

*Passos. Um judeu entra carregando a miniatura de uma casa nas costas. Ele para. Curva-se lentamente, cansado. Com cuidado, retira a miniatura de suas costas. Ele a coloca entre as mãos e a observa por alguns instantes, sorrindo. Olha algo a sua frente e depois o caminho que já percorreu. Recoloca a miniatura nas costas e então segue, atravessando o palco.*

## Quadro 3

*Ilumina-se o shtetl, uma pequena aldeia judaica com suas casinhas de madeira. Um homem faz xixi, de costas para o público, enquanto um mendigo, com uma longa barba escura e roupas desgastadas, atravessa o palco carregando um saco e apoiando-se em sua bengala. Seu passo é lento, cansado. Um aguadeiro surge carregando por sobre os ombros dois baldes d'água presos às extremidades de um pedaço de madeira. Ele para frente à casa da direita e grita alguma interjeição indistinguível para que alguém venha atendê-lo. Após seu segundo grito, ouve-se o aproximar de vozes junto a uma festiva melodia judaica – talvez Hava Nagila – saída de um violino. O aguadeiro para, olhando ao redor para ver de onde vem tal música. Uma senhora abre-lhe a porta. Ela o saúda e o convida a entrar num gramelô que lembra a sonoridade iídiche. O aguadeiro entra e a porta se fecha. Surge, então, a procissão do casamento: o violinista, tocando*

*seu instrumento, lidera o grupo; atrás dele, os noivos, com a noiva vestida de branco e carregando seu buquê; em seguida, os poucos convidados, em torno de oito; o último elemento da procissão é o bêbado, com seu andar cambaleante. Todos cantam alegremente. Os convidados do casamento movem-se de acordo com uma partitura corporal, num andar nada cotidiano. Após um tempo em que os convidados cantam e se cumprimentam, uma mulher se destaca e abre a porta da casa da esquerda. A procissão entra e a porta se fecha, deixando sair apenas o som abafado do violino e da alegria da festa. Assim, restam em cena apenas o homem fazendo xixi, ainda de costas, e o bêbado, que acabou por se desprender do grupo. O bêbado, ao notar que todos sumiram, para, mostra-se intrigado e depois dá de ombros, indo sentar-se numa cadeira próxima ao homem fazendo xixi. Ao mesmo tempo, a porta da casa da direita se abre e o aguadeiro sai, despedindo-se com um aceno da senhora. Logo em seguida, a senhora fecha a porta e o aguadeiro sai de cena. Breu.*

#### Quadro 4

*Luç apenas ao nível dos telhados. Sobre o telhado da casa da esquerda surge a enamorada e, no da direita, o enamorado.*

**ENAMORADO:** Nós estávamos voando. Um voo alto sobre a aldeia. Íamos até onde ela termina. *(pausa; sem muita certeza)* Ou talvez além.

**ENAMORADO:** E o que há?

**ENAMORADO:** O quê?

**ENAMORADO:** Além. O que há além?

**ENAMORADO:** Depois do rio? Eu não sei.

*Silêncio.*

**ENAMORADO:** Queimaram outra casa.

**ENAMORADO:** Eu vi as chamas da minha janela.

*O enamorado parece irritado.*

**ENAMORADO:** O que foi?

**ENAMORADO:** *(apontando o telhado)* Isso. Agora eu olho pra baixo e só o que eu vejo são meus pés e o chão, o chão e os meus pés. E de vez em quando uma ou outra formiga. Ou uma pedra. Dura. Tão dura e pesada que nem as formigas querem se dar com ela.

**ENAMORADO:** Ou talvez seja a pedra que não queira se dar com as formigas. E por isso ela se faz tão dura.

**ENAMORADO:** É. Talvez.

*Silêncio.*

**ENAMORADO:** Às vezes eu queria ser como uma pedra.

**ENAMORADO:** Por que isso?

**ENAMORADO:** Não sei. É muito difícil viver quando se tem o outro. Não digo: o outro “você”. Digo: o outro “o outro”, sabe? Que é qualquer um, inclusive você. Às vezes, dói muito ter que dividir a solidão. Eu acho... Eu tenho muito medo. É isso. Eu tenho medo de ter que sempre dividi-la. *(pausa)* Pronto. Agora você deve estar pensando: “Mas que ideia”.

**ENAMORADO:** Não. Eu só não entendo o porquê.

**ENAMORADO:** Nós vivemos vigiados, não vivemos? Nessa aldeia. Não podemos dar um passo além dela sem ter que mostrar uma autorização. E o que é isso? Um papel? Em nada diferente de outro pedaço de papel, a não ser por uns rabiscos. E é aí que está o outro, sempre nos vigiando. Mas isso não é o pior. Há ainda o outro mais perigoso. Aquele que está em nossa casa, que come conosco, que chora e reza conosco. O outro que chamamos família. O outro que é nossa mãe, o pai, nosso irmão, o nosso amante. Nossa, imagine este. Dividir um quarto. A intimidade maior é o quarto.

*Silêncio.*

**ENAMORADO:** Você me censura, não é?

**ENAMORADO:** É que... Eu nunca conheci ninguém que quisesse viver só. Parece estranho.

**ENAMORADO:** Por isso às vezes eu também queria ser pedra.

*O enamorado ri levemente.*

**ENAMORADO:** Do que você ri?

**ENAMORADO:** Nada. Desculpe. Não é nada com você. É que me lembrei de uma coisa.

**ENAMORADO:** Do seu sonho de voo?

**ENAMORADO:** Não. É uma história. Quer dizer, não sei bem. Pode ter sido também um sonho.

**ENAMORADO:** E como é?

**ENAMORADO:** Eu vou lhe contar. Mas eu não quero que você seja pedra.

*Silêncio.*

**ENAMORADO:** A história.

*À distância, os dois se olham em silêncio.*

#### Quadro 5

*Volta o som abafado da festa do casamento. O bêbado, ainda sentado próximo ao homem fazendo xixi, começa a*



*resmungar. São apenas ruídos, nenhuma língua ou palavra que se possa identificar. O seu provável interlocutor, a quem o bêbado sequer olha, continua de costas. De repente, ouve-se um barulho de vidro se quebrando dentro da casa na qual ocorre a festa. A música cessa. O bêbado prontamente se levanta. A porta se abre violentamente e o noivo sai da casa em agonia. Ele tenta se livrar da gravata, tenta romper o terno. Seu corpo parece não caber mais em sua vestimenta. O noivo solta alguns grunhidos. Não suporta e então cai de joelhos. Ele continua a se debater e parece sentir muita dor. Os outros participantes da festa saem da casa. Envergonhado e ainda lutando contra seu corpo, o noivo está de costas para o grupo, que tem a noiva à frente, atônita, silenciosa. As pessoas, ainda que preocupadas com o noivo, mantêm-se distantes, parecem temê-lo. Elas gesticulam e dizem, também num gramelô de grunhidos, palavras que parecem ser para acalmar o noivo. Após muito barulho, o noivo parece se acalmar. Sempre de costas para o grupo do casamento, ele para de se debater. Nesse momento, o volume das vozes diminui até ouvir-se apenas um ou outro cochicho. O noivo está curvado e com a respiração forte. A noiva, de longe, estende a mão na direção dele. Nitidamente com dificuldades, com o corpo enrijecido, o noivo se levanta e vira-se na direção da noiva. Ela, com a mão estendida, e ele, mal se suportando em pé e mal controlando a respiração. Ficam assim durante poucos segundos até que o noivo reúne forças e solta um som semelhante a um berro, mas que parece sair-lhe das vísceras. Em seguida, sai de cena, o mais rápido que seu corpo permite. A noiva desmaia e é amparada pelos convidados que a levam de volta para a casa. Todos entram novamente e a porta se fecha, restando em cena, novamente, apenas o bêbado e o homem fazendo xixi. O bêbado está atônito. De repente, ele olha para o homem que está ali, há tanto tempo fazendo xixi. Intrigado, o bêbado se aproxima. O homem fazendo xixi vira apenas a cabeça na direção do bêbado, deixando a mostra seu perfil. Ele tem o rosto de um galo. O bêbado toma um tremendo susto que o faz cair, mas logo se ergue e também sai correndo de cena. O homem galo, ainda de costas, faz um movimento que parece ser o de fechar a braguilha. Ele termina seu xixi, enfim, e sai de cena assoviando, calmamente.*

#### Quadro 6

*Bella, como no quadro 1.*

**BELLA:** Nós chamávamos de *schtetls*. Em iídiche, a língua que todo judeu aprendia desde muito cedo, *schtetls* são as cidadezinhas. As nossas cidadezinhas em tempos difíceis. Hoje elas já não existem mais,

a não ser como lembrança. As casinhas de madeira, os vizinhos, as tantas histórias... Era o tempo da minha infância, da juventude. Tempos opressivos, vivíamos todos acudados. Nosso *schtetl* era nosso gueto. Mas era também a nossa casa. Ainda que não fosse o chão sonhado da terra prometida, ou mesmo que lá não tivéssemos liberdade, era a nossa terra possível. Meu pai me dizia que a vida de nosso povo nunca foi fácil. Liberdade... (pausa) Ilumino minhas sombras pouco a pouco. As mais escuras sombras. Tento dar-lhes vida, imprimir-lhes outras cores. Tento transformar as pesadas recordações numa leve fantasia. Enganar a memória, fazer das lembranças novas lembranças.

#### Quadro 7

*Sentado numa cadeira, um rabino segura seu livro sagrado. Ele reza em voz alta. Seu tronco está curvado, como se ele quisesse entrar no livro. Após alguns segundos, aparece o judeu com a casa nas costas. Ele refaz o percurso do quadro 2. Quando o judeu com a casa nas costas ainda se encontra na metade de seu caminho, o mendigo surge novamente em cena, também curvado com seu fardo sobre as costas. Em seguida, e por outro lado, surge o aguadeiro com seus baldes sobre os ombros, também numa postura descendente. Surgem ainda, mais uma senhora e um senhor, ambos judeus, a caminhar pelo palco e também curvados e com alguma carga sobre as costas. Todos cabisbaixos e alheios a tudo. Só se ouve a reza do rabino. Após um tempo, surge o noivo, com seu corpo agora curvado. Ele está, aos poucos, se transformando num bode. À exceção do rabino e do mendigo, com a chegada do noivo, os outros personagens vão saindo de cena um a um.*

#### Quadro 8

*Campo aberto. Da direita, surgem cinco soldados, amontoados. Eles usam fardas coloridas, diferentes entre si. Um dos dois soldados que não falarão durante o quadro, fuma um cigarro. Aqui, ainda irá se ouvir a reza do rabino, só que em volume menor.*

**SOLDADO 1:** (apontando para o mendigo) Vejam só aquele homem. A figura perfeita do que os judeus representam à nossa nação. O estorvo. Saibam que a nossa pátria mantém esse lixo humano para que nos lembremos de que sempre é possível cair ainda mais baixo.

**SOLDADO 2:** Judeus.

**SOLDADO 3:** Malditos judeus.

*Antes de o mendigo sair pela esquerda do palco, a voz de um dos soldados o interrompe.*

**SOLDADO 1:** Ei, velho. Venha até aqui.

*O mendigo para e se volta para os soldados.*

**SOLDADO 1:** Aonde o velho pensa que vai?

**SOLDADO 2:** Note-se que ele se recusa a sair do lugar.

**SOLDADO 3:** Malditos judeus.

**SOLDADO 1:** Que parte da minha frase o amigo não entendeu?

*O mendigo, hesitante, caminha até os soldados.*

**SOLDADO 3:** Muito bem.

**SOLDADO 1:** Bem, o senhor deve saber que não é permitido a um judeu andar sem licença por essa região. O senhor tem uma licença?

*Silêncio.*

**SOLDADO 3:** Parece que ele é surdo.

**SOLDADO 2:** Não, surdo ele não é. Provavelmente é um desses judeus ignorantes que não sabem falar a nossa língua. Judeus.

**SOLDADO 3:** Malditos judeus.

**SOLDADO 1:** O senhor tem uma licença?

*Silêncio.*

**SOLDADO 1:** (*exagerando a fala para o mendigo*) Você me com-pre-en-de?

*Silêncio.*

**SOLDADO 2:** Acho que não.

**SOLDADO 3:** Deixa eu tentar. (*para o judeu*) Eu, soldado. Você, judeu.

*Silêncio.*

**SOLDADO 1:** Temos aqui uma mula empacada.

**SOLDADO 3:** Vamos, homem, fale alguma coisa.

*Silêncio.*

**SOLDADO 3:** Eu desisto.

*O mendigo diz alguma palavra em seu gramelô.*

**SOLDADO 3:** Oi?

**SOLDADO 1:** O que foi que ele disse?

**SOLDADO 3:** Eu não sei. Eu não entendi.

**SOLDADO 2:** Nem eu.

**SOLDADO 3:** Parece que ele quer falar mais alguma coisa.

*O mendigo fala novamente e, dessa vez, não apenas uma palavra. Ele começa a contar algo que lhe aconteceu. Seu fluxo de fala é veloz, deixando os soldados ainda mais agoniados.*

**SOLDADO 1:** Por diabos, alguém traduza o que

esse homem está dizendo.

**SOLDADO 3:** (*para o mendigo*) Ei, senhor, por favor, fale mais devagar. E em nossa língua, se possível.

**SOLDADO 2:** Deixe de ser educado. Você está falando com um judeu.

**SOLDADO 3:** Malditos...

**SOLDADO 2:** (*completando*) Judeus.

**SOLDADO 3:** Isso.

**SOLDADO 1:** (*para o mendigo*) Cale essa boca, homem.

*Sem entender, o mendigo continua a falar.*

**SOLDADO 3:** Acho que ele não te escutou.

**SOLDADO 2:** Ele deve estar nos lançando alguma maldição. Esses judeus são terríveis.

**SOLDADO 3:** É. Eu soube que...

**SOLDADO 1:** Calem a boca vocês também.

*Os soldados silenciam, mas o judeu continua sua história, acompanhada de perto pelos olhares estupefatos dos soldados.*

**SOLDADO 1:** Mas será possível?

**SOLDADO 3:** Parece até que ele engoliu uma orquestra.

*Irritado, o soldado 1 saca sua pistola e todos os soldados o seguem, quase que ao mesmo tempo. O mendigo silencia, apavorado. O som da reza do rabino fica mais alto. Então, o mendigo deixa seu saco e sua bengala de lado e ajoelha, implorando clemência e voltando a falar seu gramelô de forma quase ininterrupta. Lentamente, o soldado 1 aproxima o cano de sua pistola na testa do mendigo. A voz do mendigo vai, também lentamente, se tornando aguda até sumir. A reza do rabino, no entanto, continua alta. O mendigo silencia e fecha os olhos, já certo de seu trágico desfecho. Ainda com a pistola tocando a testa do mendigo, o soldado 1 aproxima seu rosto até chegar bem perto do mendigo.*

**SOLDADO 1:** (*bem alto*) Bum!

*Cessa o som do rabino e os soldados riem. Assustado, o mendigo salta. Ao perceber que ainda está vivo, ele volta a se ajoelhar e agradece, em sua língua, aos soldados. Prontamente, o soldado 1 leva o indicador aos lábios, ordenando o silêncio do mendigo, que logo compreende e se cala.*

**SOLDADO 1:** Levanta.

*O mendigo não se move.*

**SOLDADO 1:** (*levantando o mendigo pela roupa*) Ah! Venha cá. Escuta aqui. A gente vai deixar você passar dessa vez. Mas se você voltar. Escuta bem. Se você voltar aqui de novo, você não vai ter a mesma sorte.

**SOLDADO 3:** (*fingindo atirar com uma arma imaginária*) Bum!

*Os soldados riem.*

**SOLDADO 1:** (*empurrando o mendigo*) Vai embora!

*O mendigo apressa o passo para sair de cena, deixando para trás sua bengala e o saco.*

**SOLDADO 2:** Mas olha só. (*com a bengala na mão; para o mendigo*) Ei, velho! Você esqueceu suas coisas.

*O mendigo, que estava quase fora de cena, retorna, hesitante.*

**SOLDADO 1:** Bem. Ele voltou. Que se há de fazer?

*O soldado 2 acerta a bengala no tronco do mendigo. O soldado 3 o empurra. No chão, o mendigo logo é cercado pelos soldados que o enchem de socos e pontapés. A luz vai baixando até o breu. Na escuridão, ouvem-se alguns disparos de revólver.*

### Quadro 9

*Campo aberto. O aguadeiro cochila próximo a seus baldes d'água. Ainda assustado e ofegante, o bêbado surge em cena. Ele para a fim de tomar fôlego. Do outro lado do palco, o noivo aparece, ainda na luta contra seu corpo em transformação. O bêbado percebe a presença do noivo e o observa, agora intrigado. O noivo, curvado, tem o corpo enrijecido e torto. Cambaleante, mal consegue ficar parado em um ponto. O bêbado saca uma garrafa de vinho que trazia escondida em seu paletó e oferece ao noivo. Eles se aproximam. O bêbado coloca a garrafa na boca do noivo, dando-lhe de beber, ao notar que este mal tem controle sobre si. Assim que o bêbado retira a garrafa, o noivo, sonoramente, cospe o líquido em sua boca na cara do bêbado. O bêbado faz cara de ofendido. Ele bebe o conteúdo da garrafa e, de igual maneira, cospe na cara do noivo. Este, como um animal, balança a cabeça para secar-se. O bêbado gargalha. O noivo dá as costas ao bêbado e vai na direção dos baldes do aguadeiro. O bêbado, ao perceber o movimento do noivo, acua-se. O noivo enfia a cabeça em um dos baldes do aguadeiro e, de costas para o público, começa a beber a água, sempre como um animal. O bêbado ri ao notar a situação. O aguadeiro acorda assustado e, ao perceber o que está acontecendo, avança sobre o noivo. Com isso, o bêbado parece ganhar um novo motivo para continuar a rir. O aguadeiro tenta tirar o noivo de cima do balde, mas não obtém êxito. De repente, o aguadeiro afasta-se do noivo, espantado e o bêbado para de rir. Ambos saem de cena correndo. O noivo*

*levanta e seu rosto não é mais humano. Ele agora tem a cabeça de um bode.*

### Quadro 10

*Luz sobre os telhados. O enamorado surge sobre o telhado da esquerda. Ele joga uma pedra no telhado da direita. Como ninguém aparece, ele joga outra pedra. Enfim, surge a enamorada.*

**ENAMORADA:** O quê?

**ENAMORADO:** Pensei que não estivesse aí.

**ENAMORADA:** Não me vê?

**ENAMORADO:** Eu preciso falar com você.

**ENAMORADA:** Me diga: como era mesmo?

**ENAMORADO:** O quê?

**ENAMORADA:** Seu sonho. Como era mesmo? Eu quero dizer, nós voávamos. Mas como isso começava? E o que a gente via lá de cima? Você lembra?

**ENAMORADO:** Eu não sei se lembro direito.

**ENAMORADA:** Nem o que a gente via?

**ENAMORADO:** É estranho, mas parece que depois de um tempo, a gente começa a inventar o sonho. Mesmo quando a gente acorda e ele ainda está morno. Mesmo aí, quando a gente tenta lembrar, já não é o sonho. É ele, mas um pouco inventado.

**ENAMORADA:** Pois então. Vá lá. Me conte o que se lembrar, mesmo que seja fantasia.

**ENAMORADO:** Se você está querendo tanto ouvir.

**ENAMORADA:** Sim, eu quero.

**ENAMORADO:** Tá. Era assim: nós nos dávamos às mãos.

*Silêncio.*

**ENAMORADA:** E o que mais?

**ENAMORADO:** Nada. Você quer saber o quê? A gente se dava a mão e voava. Assim. Simples. Não dá pra dizer como é. Só voando.

*Silêncio.*

**ENAMORADO:** Ei!

**ENAMORADA:** Você disse que queria me dizer alguma coisa?

**ENAMORADO:** Não é nada. Quer dizer, nada demais.

**ENAMORADA:** Então está bem.

*A enamorada vira de costas, fazendo menção de sair.*

**ENAMORADO:** Eu quero que você seja leve e voe comigo. Pronto. É isso.

*A enamorada se vira de volta. Silêncio.*

**ENAMORADO:** Então tá.

*Agora é o enamorado que vira de costas para sair.*

**ENAMORADA:** Se você for embora, com quem eu voaria?

*O enamorado se volta na direção da enamorada.*

### Quadro 11

*Campo aberto. O homem com cara de galo do quadro 3 está sentado. A seu lado, de quatro, um homem com cara de vaca mascando um pedaço de capim e com um pequeno sino no pescoço. Enquanto o homem-galo encontra-se pensativo, o homem-vaca parece completamente animalizado, balançando a cabeça por vezes para livrar-se de moscas. O noivo entra, olhando-se, querendo entender o que lhe acontece.*

**HOMEM-GALO:** (após um tempo, ao notar o noivo) Ei! Você!

*O noivo olha o homem-galo, mas resolve não lhe dar atenção e retorna a si.*

**HOMEM-GALO:** Depois não me diga que eu não lhe ajudei.

*O noivo volta a olhar para o homem-galo, agora lhe dando atenção.*

**HOMEM-GALO:** Você deve estar pensando o que você é, não é?

*O noivo não responde.*

**HOMEM-GALO:** Eis um novo profeta, você há de me dizer. Pois eu não sei. Pois eu só sei, meu caro amigo, que o *schtetl* está cercado. O *schtetl* está perdido. O *schtetl* está chato. Cha-to. Champanhe. Ah! (confidente) Os soldados só bebem vodka. Veja bem, apenas vodka. Não lhes ofereça cerveja nem vinho, apenas vodka. (gritando) Shhhhhh! Silêncio! (normal) *Schtetl* chato. Vinho. Bebida de judeus. (cospe; pausa) Você é judeu?

*O noivo não responde.*

**HOMEM-GALO:** Béééé! Você é um bode! É isso que você é: um bode. Os doutos da academia de Pang-Yang confirmarão. Pode ir lá. Pode ir. Vai lá, vai. Vai lá. Você é um bode. Se bem que... pensando bem. Talvez a ala determinista diga que és um homem. Eu, particularmente, detesto os deterministas. Eles dirão, tenho certeza que eles dirão. Maldita Escola. Malditos porcos imundos da Escola Determinista. Eles seguem os franceses. Como se alguém em sã consciência pudesse seguir os franceses.

*O noivo faz menção de sair.*

**HOMEM-GALO:** Ei! Você! Pra onde você vai? Eu ainda não te dei o endereço.

*O noivo para.*

**HOMEM-GALO :** Ééé, o en-de-re-ço. Conheço bem o seu tipo. Esse tipo aí. Tipo você. Sujeito do seu tipo. Pois eu, eu sei de um homem que irá te curar. Veja a mim. Veja como estou. (pausa) É verdade, ele me curou. E não, antes que você pergunte, ele não é francês. Estudou na América. Do you speak english? (pausa) Não? (pausa) Droga! Eu preciso de vodka. Ah!

*O homem-vaca se aproxima do homem-galo.*

**HOMEM-GALO:** (acariciando o homem-vaca) Ah, meu bom amigo. (para o noivo) Veja, ele não teve a mesma sorte.

*O noivo sai de cena.*

**HOMEM-GALO:** Ei! Volte aqui. Ainda não lhe dei o endereço. Por acaso você não é um judeu francês, é? Espero que não.

*Breu.*

### Quadro 12

*Com o olhar perdido, a noiva caminha a esmo. Uma senhora, a mesma do quadro 3, sai da casa da direita e, ao notar a noiva, vai até ela. Preocupada, a senhora tenta trazer a noiva a si: ajeita-lhe as vestes, faz-lhe carícias. Entretanto, tudo parece ser em vão. Lado a lado, elas vão caminhando em direção ao proscênio. Enquanto isso, no telhado da casa da esquerda, surge o violinista. Ele senta e começa a tocar uma melodia triste. O noivo aparece ao fundo do palco e, sem ser notado, observa a noiva. Após algumas notas do violino, a senhora se afasta alguns passos e a luz se concentra na noiva, que começa a alisar seu ventre, suavemente. Ao retirar a mão, uma projeção passa a incidir sobre sua barriga. Nessa projeção, vemos a barriga da noiva por dentro: uma criança nua, que pode ser tanto um boneco de madeira quanto um desenho animado, está de pé e move-se lentamente numa dança, acompanhando a canção. Fascinado, enquanto a criança dança, o noivo se aproxima. Ao chegar perto o suficiente, ele acaricia o rosto da noiva, que fecha os olhos, sentindo o toque de seu amado. Após alguns segundos, a mulher que acompanhava a noiva percebe o noivo e solta um grito, um grito agudo que preenche toda a cena. Projeção e música cessam e a noiva, ao abrir os olhos e se deparar com um homem com uma cabeça de bode, se apavora e desmaia sobre sua acompanhante.*



### Quadro 13

*Os soldados entram em cena, atraídos pelo grito, enquanto a mulher carrega a noiva para sua casa.*

**SOLDADO 1:** *(ao ver o noivo)* Mas que merda é essa?

**SOLDADO 3:** Misericórdia!

**SOLDADO 2:** Um bode num corpo de homem.

**SOLDADO 3:** Um homem numa cabeça de bode.

**SOLDADO 1:** Que merda é essa?

**SOLDADO 2:** Uma aberração.

*O noivo ameaça se mover.*

**SOLDADO 1:** *(para o noivo)* Ei, você! Não se mexa!

*O noivo obedece.*

**SOLDADO 1:** Mas o que é você?

*Os soldados se aproximam do noivo, averiguando-o.*

**SOLDADO 2:** Porte humano, pés humanos...

**SOLDADO 1:** Uma mão humana outra de animal.

**SOLDADO 2:** E essa cabeça?

**SOLDADO 3:** E ainda usa terno. O que que é isso?

**SOLDADO 1:** *(para o noivo)* O que você é?

**SOLDADO 2:** Talvez ele não nos compreenda.

**SOLDADO 1:** Mais um.

**SOLDADO 3:** Espera. Tive uma ideia.

*O soldado 3 começa a berrar, imitando o som de um bode. O noivo não responde.*

**SOLDADO 2:** *(interrompendo a performance do companheiro)* Escuta, eu acho que ele não é bem um bode.

**SOLDADO 1:** *(também para o soldado 3)* Nem você.

**SOLDADO 3:** É. Vocês tem razão.

**SOLDADO 2:** O que é que a gente faz com isso?

**SOLDADO 3:** Espera, espera. Se ele é meio homem e meio bode...

**SOLDADO 1:** E eu tô começando a achar que você é meio burro.

**SOLDADO 3:** Presta atenção. *(para o noivo, numa fala entrecortada por berros, alguns curtos, outros mais longos, e também em tons diferentes)* O que você é? Um bode com corpo de homem ou um homem com cabeça de bode?

*O noivo não responde.*

**SOLDADO 3:** *(desistindo)* É. Mata ele.

**SOLDADO 1:** Então tá.

*Os soldados sacam seus revólveres simultaneamente e apontam para o noivo, que abre os braços. É nesse momento que parece surgir nos soldados certa hesitação.*

**SOLDADO 1:** Ao meu sinal. *(hesitante)* Um... dois... três.

*Os soldados continuam com os revólveres apontados na direção do noivo, mas nenhum deles parece ter coragem de atirar. O bode vira as costas e começa a caminhar para fora de cena.*

**SOLDADO 1:** Ei, você! Não se mexa!

*O noivo segue adiante, ignorando o soldado.*

**SOLDADO 1:** Eu estou avisando, nós vamos atirar.

*O noivo sai de cena.*

**SOLDADO 1:** Ei! *(para os outros soldados)* Atirem! Vamos lá! Atirem!

*Ninguém o obedece. Todos abaixam as armas.*

**SOLDADO 1:** Mas o que é isso? O que vocês são?

**SOLDADO 3:** Quando ele abriu os braços, eu achei que ele era o Cristo.

**SOLDADO 1:** Ele é um bode. Cristo não tem cara de bode.

**SOLDADO 2:** Mas de qualquer jeito, o que quer que ele seja, matar um bicho desse só pode trazer alguma maldição.

*O soldado 1 amassa seu chapéu, num acesso de raiva.*

**SOLDADO 1:** Cretinos. Vamos embora. Ainda há muitos judeus sem licença perambulando por aí.

**SOLDADO 3:** *(saindo de cena)* Malditos judeus.

### Quadro 14

*O judeu caminha até o centro do palco. Ele retira a miniatura das costas, coloca-a no chão e sai de cena. Breu.*

### Quadro 15

*Luz sobre o telhado da direita. Surge a enamorada.*

**ENAMORADA:** Hoje eu lembrei do dia em que você sonhou que nós voávamos pela aldeia.

*Luz sobre o telhado da esquerda. Surge o enamorado.*

**ENAMORADO:** Eu preciso falar com você.

**ENAMORADA:** Eu venho aqui todos os dias agora.

**ENAMORADO:** Eu não quero que você seja pedra.

**ENAMORADA:** Lembra quando você...



**ENAMORADO:** Eu quero que você seja leve...

**ENAMORADA:** Lembra quando...

**ENAMORADO:** ... e voe comigo.

**ENAMORADA:** ... você me beijou pela primeira vez? Nós nos demos às mãos...

**ENAMORADO:** Eu nunca conheci ninguém que quisesse viver só.

**ENAMORADA:** Como no seu sonho de voo.

**ENAMORADO:** Nós estávamos voando. Um voo alto sobre a aldeia. Íamos até onde ela termina.

**ENAMORADA:** Às vezes eu queria ser como uma pedra.

**ENAMORADO:** Queimaram outra casa.

**ENAMORADA:** (respondendo ao enamorado) Eu vi as chamas da minha janela.

**ENAMORADO:** Eu só não entendo o porquê.

**ENAMORADA:** Lembra quando...

**ENAMORADO:** Pensei que não estivesse aí.

**ENAMORADA:** ... você me deixou?

*Uma luz ilumina-se no meio do palco. A casa em miniatura queima.*

#### Quadro 16

*Triste, a noiva sai da casa da direita e senta-se no chão, fixando seu olhar no horizonte. Sem ser visto por ela, o noivo aparece no telhado da casa da esquerda. Ele traz uma mala à mão. O noivo observa a noiva por alguns instantes, depois olha a si e então sai de cena. A noiva continua em seu lugar, parada, a esperar pelo seu amado. Após um tempo, começamos a ouvir a voz dos enamorados.*

**ENAMORADA:** (voz em off) É assim que a história termina?

**ENAMORADO:** (voz em off) Não. Não ainda.

*A partir daqui, na medida em que o enamorado fala, surge em cena, contrastando com a estagnação da noiva, outros personagens em atitudes cotidianas. Os soldados atravessam a cena, a senhora da casa da direita abre a porta e despede-se do aguadeiro, o homem com cara de galo faz xixi, como no quadro 3, o bêbado surge com seu caminhar característico... dentre outras possibilidades.*

**ENAMORADO:** (voz em off) Enquanto a aldeia seguia, enquanto a vida seguia, ela apenas esperava. E esperou durante muito, muito tempo. Por longos e amargos anos ela ficou ali, parada, como uma estátua. Uma estátua que respira. Na aldeia, muitos diziam até que ela tinha mesmo virado pedra. E, de fato, ela se fez pedra. Passados alguns meses, o

seu ventre começou a secar. É que ainda que ela pudesse esperar, a criança que carregava não pôde. O tempo havia parado nela, e somente nela. (*a luz começa a diminuir*) Até que numa noite, enquanto a aldeia dormia...

*Breu. Quando a luz volta, a noiva já não está em cena e os habitantes do shtetl circundam o local onde ela se encontrava, estarrecidos.*

#### Quadro 17

*Luz sobre o telhado da direita. Apenas a enamorada, de pé. O enamorado surge ao lado dela e lhe oferece a mão. Ela o toca e os dois começam a voar sobre a aldeia. Os habitantes do shtetl olham para cima soltando exclamações de espanto, seguindo com o olhar e contemplando o voo dos enamorados.*

#### Quadro 18

*Bella, como no quadro 1.*

**BELLA:** Eu pensava que em nossa aldeia terminava o mundo: na estação, todos os trens chegam numa plataforma e partem de outra. O nosso rio corre pra nós, e uma correnteza contrária o leva de volta. Até o sol se levanta num ponto do horizonte e desaparece no outro. O começo e o fim do mundo. E, com o sol, todas as sombras são mais nítidas. Elas amanhecem em mim. E amanhece também, junto com elas, a minha aldeia. Uma aldeia que não figura em nenhum mapa, uma aldeia que desnor-teia a bússola mais precisa do viajante mais organizado. E que deixa o atrapalhado aventureiro sem nem saber por onde começar. É que ela fica num lugar tão distante, mas tão distante, que lá só se chega através da memória. E mesmo eu, cada vez que lembro, esqueço-a e imagino outra. Outra aldeia. Mas ainda a mesma.

*O noivo, com sua cabeça de bode, entra em cena e fica de pé ao lado dela.*

**BELLA:** A aldeia mora em mim.

*Uma melodia começa a tocar, vinda de um violino ao longe. O noivo estende a mão. Bella levanta. Os dois se aproximam e começam a dançar, suavemente.*



## Epílogo – Quadro 19

*A cortina é reaberta. Vemos o shtetl com suas casinhas e o homem fazendo xixi ao fundo. A melodia suave do violino vai se transformando numa música festiva. Vemos, enfim, a procissão do casamento. Muito parecida com a vista no quadro 2, entretanto, dessa vez, o noivo é o bêbado e a noiva traz um véu por sobre o rosto. Uma mulher se destaca do grupo e abre a porta da casa da esquerda. A procissão entra e a porta se fecha, deixando sair apenas o som abafado do violino e da alegria da festa. De repente, ouve-se um barulho de vidro se quebrando dentro da casa. A música cessa. A porta se abre violentamente e o bêbado sai da casa correndo, apavorado. Corre até sair de cena pelo lado oposto. A noiva aparece. Ela olha na direção do bêbado e então se vira para a plateia. Sem entender, a noiva levanta o véu e vemos seu rosto. Ela possui o rosto de um pássaro.*

**FIM.**